



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

A estrutura da espionagem Alemã no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)

Carlos Augusto da Rocha Silva

Recife

2021

Carlos Augusto da Rocha Silva

A estrutura da espionagem Alemã no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Marcília Gama da Silva

Recife

2021

Carlos Augusto da Rocha Silva

A estrutura da espionagem Alemã no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Recife, 13 de julho de 2021

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcília Gama da Silva DeHist – UFRPE

Prof.^a Dr.^a Giselda Brito Silva DeHist – UFRPE (Avaliadora interna)

Prof.^a Me.^a Maria Lana da Silva Monteiro – UPE (Avaliadora externa)

Sumário

Artigo (Sem paginação)

- Resumo
- Abstract
- Introdução
- Espionagem, Inteligência e Contraineligência
- O Brasil e a Segunda Guerra Mundial
- Desenvolvimento
- A Espionagem e a História
- *Abwehr x SD* – O conflito entre agências: o caos na espionagem alemã
- A estrutura da *Abwehr* no Brasil
- A destruição da *Medelkopf Brasilien* e suas consequências em Pernambuco
- Conclusão
- Referências Bibliográficas
- Currículo do autor
- Anexos

A estrutura da espionagem Alemã no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945)

Carlos Augusto da Rocha Silva¹

Prof.^a Dr.^a Marcília Gama da Silva²

Resumo

O presente artigo busca compreender como se estruturava a espionagem alemã no Brasil, durante o período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para tal, este se utilizará de fontes relacionadas diretamente a Agências de Inteligência: correspondências diplomáticas, arquivos criminais, relatos diretos de espiões que atuaram durante o supracitado período no Brasil, biografias de grandes ícones da espionagem mundial e trabalhos de especialistas na área que nos ajudem a captar as diferenças e similaridades que se apresentem entre a atuação das agências alemãs e as demais. Utilizaremos assim os métodos baseados na escola dos Annales, tendo em vista o pioneirismo desta escola na utilização de fontes “não oficiais”, seu perfil metodológico se enquadra perfeitamente no objetivo de dar voz aos Agentes de Inteligência. Marc Bloch, um dos principais expoentes desta escola, atuou como agente de Inteligência na resistência francesa, algo que o torna mais que apropriado.

Palavras-chave: Espionagem; Agência de Inteligência; Nazista.

The structure of German espionage in Brazil during the Second World War (1939 – 1945)

Abstract

This article seeks to understand how German espionage was structured in Brazil during the period of the Second World War (1939-1945). For this purpose, it uses sources directly to Intelligence Agencies: diplomatic correspondence, criminal files, direct reports of spies who worked during the aforementioned period in Brazil, biographies of great icons of world espionage and special works in the area that help us to capture the differences and similarities that present themselves between the actions of German agencies and others. Thus, we will use the methods based on the Annales school, in view of the pioneering spirit of this school in the use of “unofficial” sources, its methodological profile fits perfectly into the objective of giving voice to Intelligence Agents. Marc Bloch, one of the main exponents of this school, acted as an intelligence agent in the French resistance, something that makes it more than appropriate.

Keywords: Espionage; Intelligence Agency; Nazi.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco – E-mail: carloswork748@gmail.com

² Doutora em História e professora do Departamento de História da UFRPE, E-mail: marciliagama@yahoo.com.br

Introdução

Espionagem, Inteligência e Contraineligência

A espionagem, este tema que nos fascina e amedronta, possui uma área que dificulta sua compreensão – seja pela influência da cultura *POP*, seja pela tentativa natural das narrativas oficiais de excluir sua participação no decorrer da história -, sendo ainda fonte fecunda de controvérsias e dúvidas historiográficas que atormentam muitas pesquisas, gerando lacunas que podem vir a ser respondidas mais satisfatoriamente com um melhor entendimento do tema.

Para tal, é necessário que compreendamos o que vem a ser a espionagem e como ela se diferencia dentro da estrutura militar de Inteligência dos demais componentes dessas instituições.

A espionagem é uma parte fundamental de algo que é conhecido de maneira geral como Serviços de Inteligência ou Serviços Secretos. Por sua vez, estes têm uma função muito específica dentro do panorama de um país. Segundo o coronel Allison Hind³, os Serviços Secretos são:

...toda uma organização: coletores de informações (incluindo espiões), pesquisadores, compiladores, avaliadores, relatores, analisadores, redatores, divulgadores e uma quantidade de outros, juntamente com todos os seus instrumentos, sistemas de comunicação, bibliotecas, laboratórios, arquivos e escritórios de trabalho.⁴

A função de tais agências, de maneira resumida, podem ser abarcada na ideia de conseguir informações sobre as demais nações ou mesmo grupos opositores internos, de maneira sigilosa e o mais previamente possível. Muito provavelmente, a melhor aceção sobre a questão do conhecimento prévio de informações importantes foi escrita por Sun Tzu, general chinês que viveu no século IV antes de Cristo, segundo ele “...conhecimento prévio é aquele que permite ao soberano sábio e ao bom general encontrar, conquistar e executar as coisas antes que cheguem ao alcance do homem comum”⁵.

³ Allison Hind, foi coronel do exército norte-americano, atuando toda sua carreira em setores de inteligência e contraineligência. Posteriormente, atuou como conselheiro para assuntos de guerra junto ao pentágono.

⁴ HIND, Allison. **História da Espionagem**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1966. p. 15.

⁵ TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. 2ª Ed. São Paulo: LAFONTE, 2019. p. 67.

Normalmente, as Agências de Inteligência são ligadas as forças armadas ou a estrutura política de um país, como a Inglaterra, onde a espionagem era (e até onde se sabe ainda é) realizada por uma única agência a *Military Intelligence Section 6*⁶, mais conhecida como *MI-6*, ligada ao exército⁷, ou como a espionagem soviética nos tempos da Segunda Guerra Mundial, que tinha um caráter mais ideológico, sendo a *Narodniy Komissariat Vnutrennikh Del (NKVD)*⁸ muito mais um órgão do partido comunista do que do próprio país⁹. Contudo, também é normal que forças armadas – em especial o exército e a marinha –, principalmente durante períodos de guerra, possuam seus próprios setores de Inteligência que se reportam diretamente aos órgãos especializados, para que, através de tais informações se possam criar estratégias em conjunto. Porém, estes setores normalmente tem uma atuação mais voltada para informações diretamente ligadas à frente de batalha, o que a diferencia de agências como a *Central Intelligence Agency (CIA)*¹⁰, que atuam mesmo em tempos de paz e em países aliados¹¹.

Segundo Volkman¹², as Agências de Inteligência atuam em diferentes níveis, que subdividem os trabalhos de forma que não se choquem as funções entre as ligadas as forças armadas e as Agências de Inteligência propriamente ditas¹³, cada nível está relacionado ao tipo de informação que cada setor buscará, são esses:

Estratégico: As capacidades e intenções de países estrangeiros; por exemplo, se uma nação está desenvolvendo secretamente armas nucleares e que pretende fazer com essas armas, uma vez desenvolvidas.

Tático: A inteligência operacional, como o número de tanques que outra nação possui ou o número de homens de que dispõe sob armas.¹⁴

⁶ Inteligência Militar Seção 6.

⁷ FREGAPANI, Gelio. **Segredos da Espionagem: A Influência dos Serviços Secretos nas Decisões Estratégicas**. 3ª Ed. Brasília: Ed Trampolim, 2017. p. 17.

⁸ Comissariado do Povo para Assuntos Internos.

⁹ FREGAPANI, Gelio. *Op. Cit.*, p. 16.

¹⁰ Agência Central de Inteligência.

¹¹ VOLKMAN, Ernest. **A História da Espionagem: O mundo clandestino da vigilância, espionagem e inteligência, desde os tempos antigos até o mundo pós-9/11**. São Paulo: Editora Escala, 2013. p. 11.

¹² Autoridade norte-americana na área de inteligência e segurança nacional. Sendo veterano da Inteligência do Exército dos EUA, atua como consultor de vários jornais como o *New York Times* e o *Washington Post* em assuntos que envolvam espionagem e conflitos internacionais.

¹³ Por Agências de Inteligência propriamente ditas, compreende-se as agências que possuem certa autonomia (seja ela parcial ou total) com relação as forças armadas e atuam mesmo em tempos de paz.

¹⁴ VOLKMAN, Ernest. *Op. Cit.*, p. 8.

Resumidamente, é possível afirmar que as agências ligadas as forças armadas e voltadas especificamente para assuntos bélicos, se restringem a atuar dentro do nível Tático da Inteligência, enquanto que as agências de Inteligência propriamente ditas, atuam no nível Estratégico.

O espião, dentro do organograma desses sistemas, diferencia-se do agente secreto, que é na verdade um posto de qualquer um que atue dentro de uma Agência de Inteligência. Hind, em seu livro *História da Espionagem*, descreve como o agente secreto, ao contrário do que se possa imaginar, nem sempre é um espião:

É preciso ter em mente, também, que nem todos os agentes secretos são espiões. Podem, pelo contrário, ser contra-espiões ou detetives para descobrir deslealdade ou subversão, às vezes, inesperadamente, em altos cargos. Ou podem ser sabotadores, ou decifradores de códigos, ou funcionar de numerosos outros modos.¹⁵

O autor, continua afirmando que: a função do espião em si é muito superestimada pelo público geral. No que tange a coleta de informações:

A esmagadora quantidade de informações do serviço secreto resulta de compilação ininterrupta e rotineira, por uma infinidade de especialistas militares e civis, que trabalham de maneira clara e simples. Coligem uma massa enciclopédica de fatos, cobrindo todos os aspectos da atividade humana, desde religião até características raciais, de geografia a geofísica, desde teoria até atitude política... ...cerca de noventa por cento das informações secretas recolhidas pelas nações modernas são reunidas por esse método.¹⁶

A função do espião, ainda segundo Hind, é e sempre será “obter informações”¹⁷. A diferença sutil entre as informações que apenas o espião consegue coligir com o assim chamado trabalho de campo, ou seja, a inserção disfarçada em algum setor da sociedade, é de grau muito mais que de gênero, no sentido que; o agente de campo (outro possível nome para o espião) conseguirá informações as quais a simples observação passiva não seria capaz de obter. E nesse ponto entra sua função primordial. “No fim das contas, olhos e ouvidos humanos, a serviço de um cérebro analítico e perspicaz, terão que continuar sendo os coletores daquilo que é inatingível e reside na base do comportamento humano.”¹⁸. Ou seja, o espião deve se tornar um membro discreto da sociedade que espiona; discreto, porém, bem relacionado.

¹⁵ HIND, Allison. **História da Espionagem**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1966. p. 12.

¹⁶ *Ibidem*, p. 13 – 14.

¹⁷ *Ibidem*, p. 15.

¹⁸ *Ibidem*, p. 15.

A imagem mental que se forma quando pensamos na figura de um espião provavelmente esteja ligada a um homem bem vestido, invadindo bases militares, lutando contra inúmeros capangas fortemente armados enquanto foge levando não apenas a informação que veio buscar, como também, a tira colo, uma bela *Femme Fatale* e aproveitando para desarmar alguma bomba no caminho que muito provavelmente destruiria todo o mundo, apenas para desgosto do vilão (que normalmente tem um sotaque burlesco) e para devaneio de todo o público. Bom, ainda que tal imagem seja deveras encantadora, ela é certamente falsa.

O espião da vida real, principalmente no que toca a espionagem alemã na primeira metade do século XX, era muito provavelmente um homem discreto, que, segundo Gelio Fregapani¹⁹, só necessitava de dois requisitos essenciais “ter possibilidade de acesso aos dados desejados e poder ser convencido a fornecê-los”²⁰. E, no que tange o treinamento do espião, e neste caso nos referimos ao agente que não tem muito preparo militar (ou mesmo nenhum), e apenas foi recrutado para este meio, ele se restringe a aprender, ainda segundo Fregapani a: “evitar armadilhas e a forma de se comunicar secretamente.”²¹. Todavia, isto provavelmente não é uma regra obrigatória. Principalmente na atualidade, existe uma cautela um pouco maior no que tange a escolha dos espiões. O agente veterano da Inteligência dos EUA Ernest Volkman afirma sobre o tema que os processos de recrutamento se tornaram muitíssimo mais elaborados com o advento das tecnologias informáticas. Atualmente o trabalho de campo feito pessoalmente deve estar reduzido a cerca de um por cento de todo o ofício, sendo a grande maioria realizada por *Hackers*. Usando o eufemismo do autor a “coleta de inteligência”²² se tornou muito mais uma coleta de dados binários. Todavia, tais modificações à época dos eventos aqui analisados ainda não eram sequer cogitadas, e o trabalho de campo era realizado de forma muito mais pessoal e direta

De forma resumida, o espião é apenas uma peça da engrenagem de uma Agência de Inteligência, uma peça que, ironicamente, mesmo sendo o cargo mais lembrado ao se

¹⁹ O Coronel brasileiro Gelio Fregapani sempre esteve ligado aos assuntos estratégicos e as suas complicações militares, políticas e econômicas. É considerado um dos mentores da doutrina brasileira de guerra na selva e até o ano de 2007 participou ativamente como superintendente da Agência Brasileira de Inteligência.

²⁰ FREGAPANI, Gelio. *Op. Cit.*, p. 50.

²¹ *Ibidem*, p. 50.

²² VOLKMAN, Ernest. *Op. Cit.* p. 6.

pensar nestas organizações, é também o que menos deve ser conhecido. Nas palavras do Coronel Fregapani:

...entre os espões, os melhores não foram os que ficaram famosos, mas sim, em princípio, aqueles de quem não se ouviu falar. Normalmente só se ouve falar sobre um espião quando ele é desmascarado.²³

Esta cruel ironia, faz com que a espionagem tenha um caráter excludente da história oficial: se seus feitos são descobertos o agente vira uma mácula na história do país espionado, se não for, se torna parte oculta do país espião.

É válido ressaltar que as Agências de Inteligência possuem normalmente divisões rígidas no que tange a atuação ofensiva e externa e a atuação defensiva e interna. É natural que os países também possuam instituições que busquem mitigar a ação de Serviços Secretos estrangeiros em seus territórios. Estas agências são chamadas de Contraineligência, e tem como função principal descobrir e impedir a ação de agentes secretos no país²⁴. O Coronel Oreste Pinto²⁵, grande ícone na atuação em setores de Contraineligência britânicos durante a Segunda Guerra Mundial, define seus serviços como: “o eterno olho atento”²⁶.

A Contraineligência é o equivalente da Inteligência no que se refere a impedir ações de agências estrangeiras no país. O eterno olho atento deve buscar descobrir a atuação de agentes secretos estrangeiros, ou mesmo de grupos subversivos internos. É muito comum que regimes ditatoriais com estados policiaescos utilizem estas organizações de forma vasta e arbitrária. A própria literatura de ficção nos traz um exemplo vívido de como ideologias autoritárias se utilizam amplamente da Contraineligência: No livro 1984, de George Orwell, os próprios filhos denunciam pais que se colocam contra o governo²⁷. Obviamente, não apenas na ficção os regimes utilizam destes métodos. Os Nazistas e Soviéticos ficaram famosos pela sua utilização na captura de opositores.

Não é natural que a mesma agência que realiza trabalhos externos de Inteligência possa realizar trabalhos internos de Contraineligência. Em alguns países,

²³ FREGAPANI, Gelio. *Op. Cit.*, p. 21.

²⁴ FARAGO, Ladislav. **O mundo da espionagem**: A verdadeira história da guerra de sabotagem. Rio de Janeiro: DINAL, 1966. p. 43.

²⁵ Oreste Pinto foi chefe da Contraineligência britânica durante a Segunda Guerra Mundial.

²⁶ PINTO, Oreste. **Contra-espionagem**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1964. p. 27

²⁷ ORWELL, George. **1984**. São Paulo: LAFONTE, 2020.

essa divisão é tão clara que a possibilidade de interferência de uma agência em área de outra gera investigações e processos legais, como é o caso dos EUA, onde apenas o FBI²⁸ pode atuar internamente e apenas a CIA pode atuar externamente²⁹.

Os anos que se passaram após o fim da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda foram importantíssimos para a formação de novos métodos e técnicas que se inseriram nas práticas corriqueiras das Agências de Inteligência, que foram auxiliadas diretamente pelo advento e popularização de tecnologias como o rádio, telefone e microfilmes³⁰.

Ficando conhecida como a Guerra que mudou o mundo, a Primeira Guerra Mundial não teve influência menor sobre os Serviços Secretos: a possibilidade de novo conflito bélico em larga escala, tal qual havia sido o último, gerou certa corrida pela busca de informações entre os países mais afetados pela Grande Guerra.³¹

O Brasil, como país que participou de maneira muito discreta da Primeira Guerra Mundial³², teoricamente não necessitava de uma estrutura de Inteligência tão vasta e ampla quanto à dos países beligerantes, entretanto, diversos fatores internos foram responsáveis pelo fortalecimento da Contraineligência brasileira na figura da DOPS³³. Fatores estes que veremos a seguir.

O Brasil e a Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial ficou conhecida como era de ouro da espionagem, devido à imensa importância que este setor da Inteligência alcançou durante os eventos. Segundo o historiador militar Ladislav Farago³⁴:

²⁸Federal Bureau of Investigations – Departamento Federal de Investigações.

²⁹ VOLKMAN, Ernest. *Op. Cit.* p. 187.

³⁰ FREGAPANI, Gelio. *Op, Cit.*

³¹ FARAGO, Ladislav. **O Jogo das Raposas: A História Inédita Da Espionagem Alemã Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha Durante a 2ª Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: CEDIBRA, 1973.

³² DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia.** São Paulo: Editora Contexto, 2016.

³³ Delegacia de Ordem e Política Social. Criada em 23/12/1935, pela Lei 71.

³⁴ Ladislav Farago foi um historiador e jornalista militar húngaro que publicou uma série de livros mais vendidos sobre história e espionagem, especialmente no que diz respeito à era da Segunda Guerra Mundial. Trabalhou durante muitos anos dentro do serviço secreto naval dos EUA. Atuou também como chefe da rádio Europa Livre, uma instituição que buscava reduzir a influência soviética dentro do continente europeu.

...a espionagem... se tornaria uma espécie de Quarto Estado da Guerra. A natureza e o alcance deste conflito cruel criaram exércitos especiais, que lutaram clandestinamente atrás das linhas inimigas e nas próprias frentes de batalha.³⁵

Dentro do Brasil, a situação política antes e durante a Segunda Grande Guerra não era menos tensa. No país, também passávamos por aquilo que o estudioso do século XX, H. Stuart Hughes chamou de “a era de opções agonizantes”³⁶. Desde de 1937 vivíamos um regime ditatorial, de inspiração fascista, que perseguiu seus opositores, cerceou liberdades e reduziu grandemente direitos políticos. Sendo centrado na figura de Getúlio Vargas³⁷, o Estado Novo, teve seu fim apenas no último ano da Guerra³⁸.

Sendo grande parte dos ocupantes de altos postos militares ligados diretamente a alguma ideologia autoritária (como nazismo ou fascismo) ou ao menos simpatizantes destas, e por outro lado, sendo o embaixador brasileiro em *Washington - DC* Osvaldo Aranha³⁹ completamente alinhado com os princípios liberais norte-americanos, dentro do próprio governo haviam divisões que fortaleciam os interesses e antagonismos de ambos os blocos rivais (Aliados e Eixo) no Brasil⁴⁰.

As divisões do governo eram – de certa forma – um reflexo das divisões da própria sociedade brasileira da época. Durante grande parte da década de 1930, o panorama político brasileiro se dividiu em algumas facetas que dominaram o debate público nesse ínterim. Uma delas pode ser caracterizada pelos grupos de esquerda, sendo a grande maioria ligada ao Partido Comunista Brasileiro⁴¹, um bom exemplo desses grupos é a Ação Nacional Libertadora⁴², que tinha o viés revolucionário e seguia

³⁵ FARAGO, Ladislav. **A Guerra Secreta: A História da Espionagem na 2ª Guerra Mundial**. São Paulo: Edições 70, 2004. p. 9.

³⁶ HUGHES, Stuart H. *Contemporary Europe: A History*. In: HILTON, Stanley E. **Suástica sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

³⁷ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) foi o líder da revolução de 1930 e presidente do país por dois períodos. Sendo um deles considerado uma ditadura que durou de 1937 à 1945 conhecida como Estado Novo.

³⁸ Hilton, Stanley E. *Op. Cit.* p. 31.

³⁹ Osvaldo Aranha (1894-1960) foi o embaixador Brasileiro no EUA. Mais conhecido como um dos idealizadores do plano de criação do estado de Israel junto a ONU.

⁴⁰ Hilton, Stanley E. *Op. Cit.* p. 30.

⁴¹ O PCB, fundado em 1922, foi o primeiro partido comunista do Brasil.

⁴² A ANL, foi uma frente de esquerda anti-imperialista, antifascista, e antiintegralista, apoiado pelo PCB.

normas advindas da Internacional Comunista⁴³ e do Partido Comunista da União Soviética, muito provavelmente, o maior nome da esquerda no Brasil nesse período era o militar e político Luís Carlos Prestes⁴⁴. Outra vertente seria a dos Integralistas⁴⁵, fundada pelo escritor e teólogo Plínio Salgado⁴⁶ e com caráter autoritário mais relacionado com os modelos fascistas europeus. Ambos os grupos foram proibidos durante a implementação do Estado Novo, contudo, sua atuação e influência não deixaram de ser exercidas e gerar conflitos dentro da situação política nacional⁴⁷.

Além dos conflitos políticos e ideológicos, o fator econômico era também consideravelmente turbulento, visto que, a partir do século XIX, a Inglaterra e a Alemanha tornar-se-iam grandes consumidores do principal produto de exportação brasileiro à época: o café. Também vale ressaltar que os produtos alemães manufaturados possuíam custos mais baixo comparados aos ingleses, sendo comprados em larga escala em nosso país⁴⁸. Essa tensão comercial alcançou patamares ainda mais elevados na década que antecedeu à Segunda Guerra, segundo Stanley E. Hilton⁴⁹:

Hamburgo tornou-se um dos principais mercados do café na Europa, recebendo 20% da produção brasileira em fins do século. Fabricantes alemães compravam um terço da oferta brasileira de couro, e o Reich era de longe o melhor mercado para o fumo do Brasil. Durante a década que antecedeu à Guerra Mundial, a participação da Alemanha no comércio Brasileiro de importação subiu de 11,4 para 17,5%: adquiria uma média estável de cerca de 15% das exportações brasileiras.⁵⁰

Assim sendo, um posicionamento firme contra qualquer uma das grandes potências, se tornaria obrigatoriamente um impasse comercial com consequências

⁴³ Internacional Comunista, também conhecida como Terceira Internacional, foi uma organização internacional fundada por Vladimir Lenin, com o objetivo de reunir partidos comunistas de diferentes países.

⁴⁴ Luís Carlos Prestes foi uma das proeminentes figuras políticas do Brasil no século XX. Liderou na década de 1920 o movimento insurrecionista chamado coluna Prestes. Preso durante o Estado Novo, Prestes foi anistiado por Vargas, a quem apoiaria nas eleições de 1950.

⁴⁵ Integralismo se refere à ideologia política criada por Plínio Salgado, que se baseava em valores nacionais e na integralidade do homem.

⁴⁶ Plínio Salgado (1895-1975) foi um político, escritor, jornalista, poeta, historiador e teólogo, fundador da Ação Integralista Brasileira. Durante o Estado Novo lhe foi o cargo de Ministro da Educação, após sua recusa, Salgado se exilou em Portugal temendo perseguições.

⁴⁷ TRINDADE, Héglio. **Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30.** 2ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

⁴⁸ Hilton, Stanley E. *Op. Cit.* p. 21.

⁴⁹ Hilton é um historiador norte-americano que se especializou no estudo da Era Vargas no Brasil, sendo conhecido principalmente por seus livros que abordam temas relacionados ao nazismo e sua infiltração em nosso país. Também é conhecido pela sua Biografia de Oswaldo Aranha.

⁵⁰ Hilton, Stanley E. *Op. Cit.* p. 23.

trágicas para a economia brasileira. Este fator fez com que o apoio do governo fosse disputado centímetro a centímetro por ambos os lados da guerra, e para conseguir tal intento, as Agências de Inteligência foram utilizadas em larga escala. Veremos a seguir como se deu a estrutura da espionagem alemã no Brasil, e qual o seu papel no decorrer dos eventos.

Contudo, vale ressaltar que com o passar do tempo, e o acirramento das beligerâncias provenientes da Alemanha para com os países que segundo a lógica nazista faziam parte do *Lebensraum* (Espaço Vital, em alemão)⁵¹, além das tentativas provenientes do governo Vargas de diminuir influências estrangeiras no sentido de desenvolver de forma sistêmica um nacionalismo que beirava o ufanismo, geraram perseguições e propagandas negativas do Brasil para com os alemães e os nacionalistas. Um documento confidencial da data de 30 de março de 1938, enviado pelo embaixador alemão sediado no Rio de Janeiro, dá noção de como tais rusgas se apresentaram para o governo do Reich:

É difícil perceber-se por que o Governo brasileiro tem levado a efeito nos últimos meses uma campanha contra todos os elementos alemães no Brasil – contra os nacionais alemães e suas organizações, assim como contra os alemães de cidadania brasileira. Estou me referindo aqui, sobretudo, ao fato de que o próprio Governo Federal e vários governos estaduais, não só permitem que uma campanha seja feita contra a NSDAP⁵², ou contra membros individuais do Partido, escolas alemãs, etc., mas até a aprovam. De minhas muitas conversações com o Presidente, com Ministros envolvidos no assunto, com militares e chefes de polícia, cheguei agora à conclusão de que essas coisas não estão acontecendo acidentalmente ou mais ou menos por causa da inépcia do Governo ou da Administração.⁵³

Tais conflitos entre o governo Brasileiro e o Reich cresceram ainda mais à medida que casos de espionagem provenientes dos germânicos foram desbaratados e trazidos à tona. Isto ocasionou um sentimento “antigermânico” que viria a se aprofundar gravemente com os navios brasileiros levados a pique pelos alemães a partir de 1941⁵⁴.

⁵¹ CAPELATO, Maria Helena. D’ALESSIO Marcia Mansor. **Nazismo**: Política, Cultura e Holocausto. São Paulo: Atual, 2004. p. 73.

⁵² *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*– Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

⁵³ SCHMITT, Bernadotte E (org.) . **O III Reich e o Brasil**: Documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Ed Laudes, 1968. p. 27 – 28.

⁵⁴ SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**: A História do Afundamento de 34 Navios Brasileiros pelos Nazistas. Rio de Janeiro: Ponto de Leitura, 2007. p. 65.

Desenvolvimento

A Espionagem e a História.

As principais fontes utilizadas neste artigo consistem em obras de militares e agentes de Inteligência que preferivelmente vivenciaram (seja por combate, seja por auxílio) a estrutura de Inteligência alemã. Dentre eles podemos citar o tenente coronel brasileiro Aurélio da Silva Py⁵⁵, que foi responsável por desbaratar uma organização de espionagem nazista no Rio Grande do Sul, o historiador e diplomata Sergio Corrêa da Costa⁵⁶, que à época na Argentina descobriu uma trama de grande importância envolvendo o nazismo e o governo argentino. Serão utilizados também como fontes as biografias de Wilhelm Canaris escritas por André Brissaud⁵⁷ e Richard Bassett⁵⁸, as biografias de Reinhard Gehlen, escritas por Heinz Höhne e Hermann Zolling⁵⁹ e a escrita por Charles Whiting⁶⁰, além do livro do próprio Gehlen: O Serviço Secreto. Junto a estes somam-se os documentos secretos dos embaixadores de Hitler na América Latina, catalogados no livro O III Reich e o Brasil; também entre as fontes conta-se o riquíssimo livro de Pierre Dehillotte⁶¹ – Gestapo, escrito em 1940, uma obra crucial não apenas para compreender a estrutura da organização “mãe” da *Sicherheitsdienst*⁶², como também para compreender o imaginário e a mentalidade das pessoas que observavam a guerra com olhar especulativo.

O caráter das fontes pode aparentar um certo positivismo no que tange a pesquisa, contudo, estas foram escolhidas apenas para que fosse respondida

⁵⁵ O Tenente Coronel Aurélio da Silva Py foi chefe da Polícia Militar do Rio Grande do Sul durante grande parte das décadas de 1930 e 1940. Escreveu em 1942 o livro A 5ª Coluna no Brasil: A Conspiração Nazi no Rio Grande do Sul. Obra onde descreve todos os processos que levaram a prisão e dissipação dos conspiradores nazistas no seu estado.

⁵⁶ Sergio Corrêa da Costa foi diplomata e historiador, sendo mais conhecido por sua atuação como secretário geral do Itamaraty e embaixador brasileiro em Washington – DC. Durante a Segunda Guerra Mundial atuou como diplomata na Argentina.

⁵⁷ Historiador, jornalista e escritor André Brissaud se especializou em grandes personalidades históricas influentes durante a Segunda Grande Guerra, como por exemplo: Mussolini, Stalin e o almirante Canaris.

⁵⁸ O jornalista e escritor Richard Bassett foi correspondente estrangeiro do *The Times* durante os anos de 1980 e 1990. Escreveu diversas obras relativas a Guerras e é conhecido como um dos melhores biógrafos de Wilhelm Canaris.

⁵⁹ Heinz Höhne e Hermann Zolling eram jornalistas e historiadores alemães especializados em história nazista e de Inteligência.

⁶⁰ Charles Whiting foi um escritor britânico e historiador militar e com cerca de 350 livros de ficção e não ficção em seu nome.

⁶¹ Pierre Dehillotte foi um jornalista e escritor francês que realizou uma extensa pesquisa sobre a estrutura de comando da *Gestapo*.

⁶² Serviço de Segurança – SD.

satisfatoriamente a afirmação feita pelo historiador militar Ladislav Farago em seu livro *O Jogo das Raposas*.

Os serviços secretos têm exercido uma influência muito maior sobre a história do que entre os historiadores. Por trás de cada grande acontecimento e dos estadistas que o modelam, estão os espiões. No entanto, eles raramente aparecem nas análises históricas, que desdenhosa ou prudentemente ignoram suas contribuições. Políticos, diplomatas e generais, que se beneficiaram bastante com a ajuda de seus agentes secretos, invariavelmente os deixam de lado em suas memórias⁶³.

Visto que os principais atores deste artigo não possuem voz na maioria das biografias de seus superiores, ou mesmo na história oficial de seu país, cabe a este tentar fazer certa reparação histórica a personagens tão icônicos e ao mesmo tempo escanteados da história, utilizando, quando possível, seus próprios relatos e narrativas.

Ainda assim, quanto ao direcionamento teórico que será utilizado, cremos que seja possível definir como um amálgama que visa trazer conceitos clássicos da historiografia militar para o campo mais amplo da nova história cultural da escola dos *Annales*. Sabendo que a figura do espião e das Agências de Inteligência, ao mesmo tempo em que decaiu no interesse dos historiadores, subiu grandemente no gosto do público em geral, se tornando um grande marco na assim chamada cultura pop, principalmente a partir dos anos 1960, com filmes como o do famoso espião britânico James Bond. Deste ponto de vista, ouvir o agente de Inteligência e o espião, utilizá-lo como fonte, deixa de ser ouvir o documento oficial de fonte militar, passa a se ouvir os detalhes recônditos da alma do estado moderno, através de uma fonte ignorada e sempre que possível apagada da história.

Compreender a estrutura de espionagem alemã no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, nos auxiliará em pesquisas futuras a lançar luz sobre a personagem cultural do espião.

Considerando que o próprio Marc Bloch⁶⁴, segundo Ladislav Farago “serviu como oficial dos serviços de informações durante a II Guerra Mundial”⁶⁵, cremos que faça jus também a ele, dar voz a estes personagens (por definição) discretos da nossa história.

⁶³ FARAGO, Ladislav. **O Jogo das Raposas**: A História Inédita Da Espionagem Alemã Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha Durante a 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: CEDIBRA, 1973. p. 12.

⁶⁴ Bloch foi um historiador francês e fundador da assim chamada Escola dos *Annales*. Além disso, foi também atuante nos setores de Inteligência da Resistência Francesa.

⁶⁵ FARAGO, Ladislav. **A Guerra Secreta**: A História da Espionagem na 2ª Guerra Mundial. São Paulo: Edições 70, 2004. p. 37.

Abwehr x SD – O conflito entre agências: o caos na espionagem alemã

Buscando compreender como se estruturava a espionagem realizada pela Alemanha no Brasil durante os anos que antecederam a segunda guerra mundial - e mesmo durante a guerra -, observou-se que – considerando as características definidas para este tipo de organização supra citadas neste artigo - esta é de fato bicéfala e anômala. Possuindo não apenas uma Agência de Inteligência voltada para o estrangeiro e com carácter sub-reptício e ativo (espionagem), e outra que atue apenas com questões nacionais e que tenha caráter eminentemente defensivo (contrainteligência), a espionagem alemã durante a guerra foi um fenômeno incomum em sua época.

Diferenciando-se das Agências de Inteligência de seus países rivais, a espionagem alemã possuía um sistema de Serviços Secretos que se dividia em duas instituições diferentes e (muitas vezes) antagônicas: uma delas a *Abwehr*⁶⁶, sendo ligada diretamente ao alto comando do exército, e a outra seria a *Sicherheitsdienst* (Serviço de Segurança - SD), ligada diretamente a *Schutzstaffel* (Esquadrilha de Proteção – SS), que por sua vez era um órgão do partido nazista, funcionando basicamente como uma polícia política, com autonomia para ações em países estrangeiros⁶⁷, tal organização é perfeitamente compreensível dentro da lógica nazista, visto que, como bem explicou Hannah Arendt:

Os nazistas não eram meros nacionalistas. Sua propaganda nacionalista era dirigida aos simpatizantes e não aos membros convictos do partido. Ao contrário, este jamais se permitiu perder de vista o alvo político supranacional. O “nacionalismo” nazista assemelhava-se à propaganda nacionalista da União Soviética, que também é usada apenas como repasto aos preconceitos das massas. Os nazistas sentiam genuíno desprezo, jamais abolido, pela estreiteza do nacionalismo e pelo provincianismo do Estado-nação. Repetiram muitas vezes que seu movimento, de âmbito internacional (como, aliás, é o movimento bolchevista), era mais importante para eles do que o Estado, o qual necessariamente estaria limitado a um território específico.⁶⁸

Todavia, esta anormalidade gerou inúmeros problemas dentro da máquina de guerra alemã, sendo responsável inclusive por conspirações e dúvidas históricas que perduram até os dias atuais. Nas palavras de Fregapani:

⁶⁶ Em alemão significa Defesa.

⁶⁷ DEHILLOTTE, Pierre. **Gestapo**. Porto Alegre. Ed Globo, 1940. p. 37.

⁶⁸ ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. São Paulo. Ed Companhia de Bolso, 2013. p. 15.

As ações da espionagem alemã não foram bem sucedidas; seus serviços secretos haviam sido virtualmente destruídos ao final da Primeira Guerra e por ocasião do início da Segunda Guerra estavam divididos por duas facções rivais: a “Abwehr” do Ministério da Defesa e o “Sicherdienst” (SD), do Partido Nazista.⁶⁹

Dentro dessas facções houveram grandes nomes e personalidades que podem dar uma ideia de como estas organizações atuavam de forma diferente. Dentro da *Abwehr* se destacam os nomes de Wilhelm Canaris⁷⁰ e Reinhard Gehlen⁷¹, ambos conhecidos por atuarem em possíveis conspirações e tramas contra Hitler. Já na *Sicherheitsdienst* encontram-se nomes como Heinrich Himmler⁷² e Reinhard Heydrich⁷³, ambos proeminentes nazistas, que por sua vez, também possuem tramas e reviravoltas suficientemente grotescas em suas histórias.

Assim sendo, este artigo visa esmiuçar como se deu o funcionamento estrutural da rede de espionagem alemã no Brasil, com enfoque maior na atuação da *Abwehr*, suas dificuldades e estratégias, buscando assim formular um esquema que facilite compreender em pesquisas futuras o maquinário de Inteligência deste período.

A estrutura da espionagem alemã no Brasil foi um conglomerado heterogêneo de espíões profissionais, ligados em grande maioria a *Abwehr* e que se correspondiam direta ou indiretamente às diversas embaixadas e consulados germânicos no país, uma gama ainda maior de cidadãos alemães, simpatizantes ideológicos da causa nazista (conhecidos genericamente como germanófilos) sem o necessário treinamento militar especializado, além de inúmeros agentes políticos ligados diretamente ao Partido Nacional-Socialista que por sua vez (em sua grande maioria) repassavam suas

⁶⁹ FREGAPANI, Gelio. *Op. Cit.*, p. 16.

⁷⁰ Canaris foi nomeado por Adolf Hitler como chefe da *Abwehr* apenas um ano e meio depois de o partido nazista chegar ao poder na Alemanha. Ainda assim, ele é conhecido por supostamente ter permitido inúmeras conspirações contra Hitler e os Nazistas e até mesmo participar ativamente de algumas. Sua atuação gerou para si a alcunha de Príncipe da Espionagem Alemã. Foi morto em 1944 após teoricamente ter participado da conspiração conhecida como Operação Valquíria.

⁷¹ Gehlen, foi chefe de Inteligência para o Reich durante a Segunda Guerra Mundial, ligado especificamente ao leste europeu. Suas habilidades foram consideradas tão superiores e úteis que após a guerra, sua atuação foi requisitada para chefiar a Inteligência da Alemanha Ocidental, trabalhando inclusive diretamente para a *CIA*.

⁷² Himmler foi um dos mais proeminentes nazistas do seu tempo, chegando ao cargo máximo de líder da *Schutzstaffel*.

⁷³ Heydrich foi o chefe da *Reichssicherheitshauptamt* (Gabinete Central de Segurança do Reich), sendo responsável pela chefia das polícias e forças de segurança do Reich até a sua morte em 1942.

informações a cadeia de comando do Partido, com conexões estreitas com a *Sicherheitsdienst*, o serviço secreto Nazi⁷⁴.

Grande parte da estrutura de funcionamento da *Abwehr* no país foi desbaratada após a prisão de alguns espões que em interrogatório viriam a entregar seus cúmplices e líderes. Esse foi o caso de Josef Starziczny, o espião que se utilizava dos pseudônimos: Niels Christensen, Lukassen ou Lucas. Nas palavras de Stanley Hilton, comentando a prisão de Starziczny:

Para Josef Starziczny... ...a espera estava encerrada. A jornada que começara dois anos antes, em Hamburgo, quando concordara em se tornar um *Vertrauensmann*, um agente secreto do Serviço Militar de Informações do Terceiro Reich, chegara ao fim. E ele agora seria uma peça importante no abortamento de carreiras de vários outros agentes alemães no Brasil, de São Paulo a Recife. Para eles também, a guerra secreta em breve acabaria.⁷⁵

Vertrauensmann, o termo que significa de forma aproximada Agente Secreto, era muitas vezes abreviado como *V-mann*. Sendo este o cargo equivalente ao espião como definido acima. Os agentes da *Abwehr* (que durante o recorte histórico deste artigo era Chefiada quase integralmente pelo Almirante Wilhelm Canaris) que possuíam esta tarefa estavam ligados ao *Oberkommando der Wehrmacht*⁷⁶, ou seja, não eram necessariamente nazistas. Os espões ligados aos nazistas eram em geral membros ativos do partido ou simpatizantes fervorosos; a organização da espionagem nazista propriamente dita era realizada pelo departamento VI do *Sicherheitsdienst (SD)*, chefiado por sua vez pelo alto oficial Walter Schellenberg, todavia, indiretamente, Reinhard Heydrich, chefe geral do *Sicherheitsdienst*, possuía uma comando mais efetivo sobre as operações de espionagem realizadas em países estrangeiros⁷⁷.

Tal estrutura criou imensas rugas entre os dois serviços, gerando inclusive falhas graves de comunicação durante todo o período da guerra. O problema surge devido a competitividade extrema entre ambas as agências que buscavam minar a atuação da agência rival e não se furtavam em utilizar de táticas agressivas para alcançar

20. ⁷⁴ HILTON, Stanley E. **Suástica sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 15.

⁷⁶ Em alemão: Alto Comando das forças armadas.

⁷⁷ HILTON, Stanley E. *Op. Cit.* p. 18 – 19.

seu intento. Na realidade, os agentes ligados a *SD* possuíam maior fama no que tange a utilização de tais táticas do que os muitas vezes mal treinados *V-mann* da *Abwehr*.⁷⁸

Coube ao Almirante Wilhelm Canaris, chefe da *Abwehr*, formular os preceitos que definiriam genericamente os limites entre a atuação de cada agência, tais preceitos ficaram conhecidos como *Zehn Gebote*:

O Almirante gastou uma parte considerável de seu tempo em esforços para atenuar os conflitos jurisdicionais interdepartamentais. Finalmente um *modus vivendi* – rotulado “Os Dez Mandamentos” (*Zehn Gebote*) nos círculos relevantes – foi negociado entre o *Abwehr* e o *SD*, estipulando que a organização de Canaris teria responsabilidade exclusiva para a coleta de informações militares.⁷⁹

Como já foi explicado acima, pode-se dizer que a organização de Canaris se limitaria a coleta de informações táticas, enquanto que a *SD* de Heydrich e Schellenberg focaria no nível estratégico. Contudo – ao menos no Brasil -, essa divisão não foi respeitada ao pé da letra, a *Abwehr* atuou em várias áreas, como a econômica, política e social. Afinal de contas, em uma Guerra de tais proporções como foi a Segunda Grande Guerra, o que deixa de ser “Informação Militar”⁸⁰

Esta gama extremamente ampla de informações que estavam no radar da *Abwehr*, ocasionou em muitas situações que sua atuação fosse atrapalhada e que erros fossem cometidos: erros estes que geraram muitas prisões entre os *V-mann*.

A *Abwehr*, devido a confusão reinante entre sua atuação e a de sua agência irmã e rival, a *SD*, se viu vítima de difamações e confusões que sujaram a imagem da organização associando-a com os nazistas mais diretamente do que mostra a realidade. Segundo Farago:

Apesar da péssima reputação, causada principalmente pela confusão feita entre ela e a Gestapo e a Sicherheitsdienst dos nazistas, a *Abwehr* foi, na realidade, uma organização laboriosa, utilitarista e com métodos brandos, cujas tramas e estratégias pareceram (e muitas vezes foram) ingênuos e tímidos.⁸¹

No Brasil, os *V-mann*, foram mais facilmente identificados e presos devido a sua má formação no que tange os assuntos da guerra secreta. Alguns inclusive geraram situações jocosas e cômicas que se tornariam piada entre agentes mais experimentados e

⁷⁸ FARAGO, Ladislav. **O mundo da espionagem**: A verdadeira história da guerra de sabotagem. Rio de Janeiro: DINAL, 1966. p. 96.

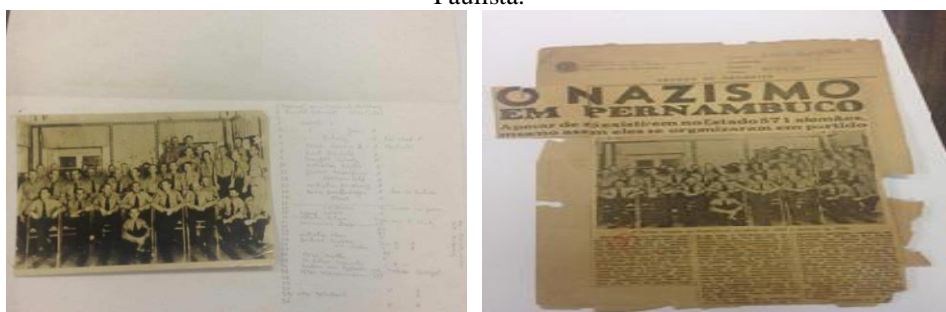
⁷⁹ HILTON, Stanley E. *Op. Cit.* p. 18.

⁸⁰ FARAGO, Ladislav. **O Jogo das Raposas**: A História Inédita Da Espionagem Alemã Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha Durante a 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: CEDIBRA, 1973. p. 59.

⁸¹ *Ibidem*, p. 12.

bem treinados como eram os da *SD*⁸². Provavelmente, o poderio econômico e político exercido por membros poderosos do partido Nazista no Brasil também pode ter favorecido a atuação dos agentes nacional-socialistas. É sabido que no estado de Pernambuco, mesmo possuindo apenas 571 cidadãos alemães à época já possuíam um núcleo de partido formado, sendo suas reuniões realizadas na Fábrica de Tecidos Paulista localizada na cidade de mesmo nome e pertencente a família Lundgren, a qual, mesmo sendo de ascendência sueca, liderava a atuação do Partido no estado. Sendo esta família rica e influente, novas pesquisas podem definir mais apropriadamente qual sua participação efetiva nestes contextos de guerra e espionagem.

Imagens 1 e 2 - Núcleo do Partido Nazista em Pernambuco, funcionava na Fábrica de Tecidos Paulista.



Fonte: Fundo Apeje: Acervo SSP/DOPS – Prontuário Funcional nº 29.238 e 29.258 (1933-1944)⁸³

Assim sendo, visto a necessária brevidade que este artigo visa ter, o nosso maior enfoque se dará na atuação da *Abwehr* e de seus *V-mann*, citando apenas comparativamente a *SD*.

Sendo ligadas diretamente a uma organização de cunho militar, as operações de Inteligência tinham obrigatoriamente um caráter hierárquico muito definido: ainda que uma observação primária pudesse dar a ideia de certa anarquia e desordem, a realidade mostra que o plano de trabalho se realizava de forma que as pessoas de mais alto escalão possuíssem mais proteção e menos riscos, e inversamente se via a atuação dos baixos escalões do serviço secreto.

Os Sistemas de Inteligência como um todo necessitam desta hierarquia para que as informações cheguem de forma correta aos locais necessários, dito isto, podemos focar na estrutura da espionagem alemã no Brasil.

⁸² HILTON, Stanley E. *Op. Cit.* p. 32.

⁸³ Acervo SSP/DOPS – Prontuário Funcional nº 29.238 e 29.258 (1933-1944). Disponível em: <https://www.acervo.arquivopublico.pe.gov.br/index.php/dsc-0910-jpg> Acesso em: 24/06/2021.

A estrutura da *Abwehr* no Brasil

Os documentos que demonstram a atuação da *Abwehr* no Brasil e nos demais países, são de forma geral provenientes de arquivos policiais advindos das investigações da DOPS, enquanto desbaratavam suas redes de espionagem⁸⁴, ou foram redescobertos nos anos 1960 pelo historiador militar Ladislav Farago, enquanto este pesquisava avidamente os arquivos capturados pela marinha norte americana na sede do *Oberkommando der Wehrmacht*.⁸⁵

Toda estrutura de inteligência da *Abwehr* tinha início na Alemanha, onde possíveis agentes eram selecionados para organizar redes de espionagem no estrangeiro. Na América Latina, buscou-se uma inserção maior dentro de empresas pró-eixo do ramo industrial ou comercial no Brasil.

O *Abwehr* procurava recrutar agentes entre elementos que já tivessem demonstrado, possivelmente através de serviço militar, um senso de dever, que conhecessem o terreno, e que tivessem alguns contatos no País. Assim, era característico a *Abwehr* procurar indivíduos com experiência militar e que já agiam, ou tinham agido, no setor comercial ou industrial no Brasil.⁸⁶

Esta estrutura partia do pressuposto da neutralidade brasileira com relação a Guerra e da tentativa do governo Vargas de manter boas relações comerciais com a Alemanha, além da ligação ideológica estreita que unia os dois regimes.

Os estrategistas alemães consideravam o Brasil um país basicamente amigo, do ponto de vista político. É certo que a influência americana era forte nesse país, mas Getúlio Vargas vinha demonstrando uma certa independência em sua política externa. Seu governo era marcadamente anticomunista. Mostrara-se abertamente simpatizante da Itália durante o episódio etíope e, no caso da guerra civil espanhola, era favorável às forças de Franco. Em relação ao Reich, Vargas exibiu uma cordialidade sistemática e vivo interesse em expandir as relações comerciais. Em 1937 e 1938, o Exército brasileiro assinou importantes contratos de armamentos com a Casa Krupp, e a polícia de segurança brasileira já estabelecera ligações com a Gestapo visando coordenar medidas anticomunistas.⁸⁷

Apesar destes fatores, o Estado Novo também ficou conhecido por sua forte “campanha para não permitir a interferência estrangeira em assuntos internos brasileiros”⁸⁸, algo que viria a gerar inúmeras perseguições contra agentes do Partido

⁸⁴ HILTON, Stanley E. *Op. Cit.*

⁸⁵ FARAGO, Ladislav. *Op. Cit.*

⁸⁶ HILTON, Stanley E. *Op. Cit.* p. 54.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 22.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 22.

nazista e contra o isolamento cultural da comunidade germânica no Sul do País. Ainda assim, tais conflitos afetaram mais diretamente apenas a estrutura do Nazismo, deixando até certo ponto incólume as relações diplomáticas entre os dois países, algo que seria efetivado às vésperas da Guerra com uma reaproximação.⁸⁹

Um dos escolhidos como agente secreto no Brasil foi o Iogulasso com nacionalidade alemã chamado *Dusko Popov*, que se utilizava do pseudônimo “Ivan” e chegou ao país buscando informações para a montagem de um radiotransmissor.⁹⁰ Seu contato se deu com um espião de codinome “Alfredo”, o qual tinha o nome real Albrecht Gustav Engels, e era a principal peça civil da organização de espionagem alemã em solo pátrio. O nome dado pela *Abwehr* à operação desenvolvida no Brasil foi: *Medelkopf Brasilien*⁹¹. E a organização que tinha em Alfredo seu principal agente foi nomeada por este de operação Bolívar.⁹²

O agente Alfredo é um ótimo ponto de partida para a nossa análise da estrutura da espionagem da *Abwehr* no Brasil. Engels, era um cidadão alemão exemplar, havia servido no exército durante a Primeira Guerra Mundial, ocupando o posto de tenente. Após a guerra emigrou para América do Sul em busca de trabalhos e oportunidades em sua área de atuação, que envolvia engenharia e administração. Ele teve uma carreira prolífica em várias empresas alemãs no país, chegando ao cargo máximo de diretor na *Allgemeine-Elektrizitäts Gesellschaft* (A.E.G), uma multinacional de eletrônicos⁹³, empresa esta que futuramente seria adquirida pela Telefunken, outra companhia que ficou famosa pelo auxílio a espiões da *Abwehr* no Brasil⁹⁴.

Engels, assim como outros, é a ponta da lança da operação de espionagem no Brasil. Representava o melhor dos dois mundos, havia servido militarmente seu país, além de possuir uma carreira bem estruturada que lhe permitia contatos com diversos setores importantes que poderiam trazer informações importantes.

Assim como Engels, vários outros agentes foram cooptados para criar suas próprias células de espionagem no país, como por exemplo: o agente Theodor Friedrich

⁸⁹ *Ibidem*, p. 23.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 24.

⁹¹ Em alemão, Centro de Informações Brasil.

⁹² HILTON. Stanley E. *Op. Cit.* p. 33.

⁹³ *Ibidem*, p. 26.

⁹⁴ Prontuário DOPS-PE – Nº 5363. Disponível em:

<https://www.acervo.pe.gov.br/index.php/arquivo-publico-estadual-jordao-emerenciano> Acesso em: 24/06/2021.

Schlegel, que ocupava um importante cargo na siderurgica alemã *Deustch Edelstahwerke* e foi enviado para chefiar uma sucursal no Brasil sendo posteriormente investigado acerca da fundação de uma possível empresa de fachada com o nome Theodor Wille e Cia, também conhecida por Theodor Jos. Horst. do Brasil Ltda; ou mesmo o agente Friedrich Kempfer, que iniciou sua carreira internacional na Fábrica de Tecidos Paulista, migrando posteriormente para o cargo de gerente numa agência de informações comerciais no Rio de Janeiro.⁹⁵

Todos possuíam em comum uma carreira consolidada no Brasil e contatos com diversos setores comerciais de importância estratégica, algo que foi muito valorizado pela *Abwehr*. A política desta agência se dava exatamente neste sentido: todos os seus principais agentes possuíam relativa semelhança no que toca sua posição social, o que facilitaria para que não apenas criassem uma rede com espiões ligados diretamente a eles, como também, em caso de necessidade, pudessem manter financeiramente suas células, além do que, caso um dos grupos perdesse uma informação crucial, outro provavelmente a conseguiria. Tal estratégia se mostrou padrão com relação a atuação da Inteligência alemã em quase todos os países em que atuou⁹⁶. Nas palavras de Hilton:

A política da *Abwehr* no Brasil era a de saturar o País com agentes, convencido como estava de que assim, apesar das baixas inevitáveis e da ineficiência de alguns agentes, suficientes informações chegariam à Alemanha para fornecer um quadro relativamente completo das atividades inimigas.⁹⁷

Assim sendo, é nos possível esclarecer o primeiro ponto da cadeia de comando da espionagem alemã no país. A *Abwehr* encontra um indivíduo que tenha certa posição social destacada e que possua lealdade comprovada à Alemanha por serviços militares prestados anteriormente. Tal pessoa, entraria em contato direto com as embaixadas através de correspondências passadas disfarçadamente, ou se comunicaria com a Alemanha através da utilização de rádiotransmissores de ondas curtas. As técnicas para cifrar as mensagens eram muito variadas, podendo ser desde intrincadas fórmulas onde certas letras específicas poderiam ser encontradas em livros ainda mais específicos, os quais apenas o autor da mensagem e o receptor saberiam previamente quais eram, ou através de micropontos, que consistiam em reduzir a mensagem a níveis microscópicos,

⁹⁵ HILTON. Stanley E. *Op. Cit.*

⁹⁶ PINTO, Oreste. **O Caçador de Espiões**. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1964.

⁹⁷ HILTON. Stanley E. *Op. Cit.* p. 54.

e introduzi-la em uma carta sem importância: tal mensagem poderia ser reduzida e colocada dentro de um ponto da letra “i”; dentre outras técnicas.⁹⁸

A investigação realizada pelo Tenente Coronel Aurélio da Silva Py, demonstra que mesmo diversificando os setores de atuação pelos quais esses agentes se tornaram notórios ou bem sucedidos no Brasil, era necessário que este agente inicial, líder de uma célula, tivesse meios de ação: tanto materiais quanto sociais. Nos relatos de Py, vemos um líder de célula que realiza sua coleta através de sua influência expressiva dentro da Igreja Luterana Alemã no sul do país.⁹⁹

Com relação as informações buscadas por estes agentes, os quais nomearemos líderes de célula, estavam as relacionadas a:

...produção de munições, armamentos, e aviões nos Estados Unidos. Interessava-se também pelas condições de trabalho nas fábricas de material bélico norte-americanas para poder determinar se existia terreno fértil à promoção de greves.¹⁰⁰

Além disto, rotas comerciais, informações financeiras inclusas em revistas especializadas, opiniões militares importantes, tudo isso estava em questão. Sendo o Brasil o país neutro mais próximo com os EUA e com relações econômicas mais firmes e constantes, era natural que a Inteligência alemã o escolhesse como sede para repassar informações relacionadas a todo o continente americano diretamente para a Alemanha.¹⁰¹

As principais cidades escolhias para inserção de tais células foram as que possuíam relevância comercial e mercantil, principalmente no que toca o comércio marítimo com os inimigos do Reich, sendo São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, polos importantíssimos com sucursais muito bem desenvolvidas da *Abwehr*. Todas elas chefiadas por um líder de célula, com as mesmas características descritas acima.¹⁰²

O próximo passo na cadeia de comando era estabelecido pelos próprios líderes de célula, estes, deveriam criar uma rede de espiões que possuíssem informações relevantes, as quais seriam repassadas para o líder de célula e (de acordo com sua real importância) logo depois cifradas e enviadas. Estes agentes não necessariamente tinha a noção exata do que ou para quem estavam realizando este serviço, eram pagos por seus

⁹⁸ FARAGO. Ladislav. *Op. Cit.*

⁹⁹ PY, Aurélio da Silva. **A 5ª Coluna no Brasil: A Conspiração Nazi no Rio Gr. do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1942.

¹⁰⁰ HILTON. Stanley E. *Op. Cit.* p. 50.

¹⁰¹ FARAGO. Ladislav. *Op. Cit.*

¹⁰² HILTON. Stanley E. *Op. Cit.*

serviços e sua lealdade muitas vezes era baseada apenas nisto. Entretanto, sábios líderes de células buscaram pessoas que ao menos simpatizassem com a causa germânica, como no caso do agente líder de célula com o codinome “Walter“ o qual possuía nome real Jordan, que se utilizou largamente do apoio de ex integralistas, simpatizantes do nazismo para conseguir informações sobre o comércio marítimo no porto do Rio de Janeiro, além de usufruir de suas ligações militares.¹⁰³

Tal forma de atuação estava plenamente de acordo com o padrão *Abwehr* de agir em países estrangeiros “O aproveitamento de aliados não-germânicos na guerra clandestina era, aliás, uma prática normal seguida pelo *Abwehr*.”¹⁰⁴

Este fator, na realidade, facilitava com que os agentes ligados as células, quando capturados, mais facilmente entregassem seus líderes. Visto que sua lealdade não estava baseada em algo mais elavado como o sentimento de irmandade advindo de serem provenientes da mesma pátria, ou mesmo a camaradagem por pertencerem ao mesmo nicho ideológico (algo que muitas vezes protegia os agentes da *SD*), seu sentimento de autopreservação falava mais alto quando estes caíam nas mãos da DOPS. E seu primeiro argumento, algo imitado pelos líderes de células, era que – Jamais informaram coisas que pudessem prejudicar o Brasil.¹⁰⁵

Assim sendo, a estrutura, como dito acima, possuía a função de proteger os mais altos cargos, o que se acreditava que ocorria naturalmente, visto que os membros das células conheciam apenas o seu líder de célula, sem necessariamente conhecer os demais membros, muito menos o agente da embaixada ou do consulado que receberias as informações. Todavia, muitos erros foram cometidos e as células se estilhavam à medida que seus agentes foram capturados. Este fato se deu devido ao auxílio da Inteligência Britânica e Norte Americana, que, almejando uma inclusão ainda maior do Brasil no conflito pelo lado dos aliados, buscaram dar suporte constante em suas medidas de repressão as ações da *Abwehr*.¹⁰⁶

A espionagem alemã no Brasil, se estruturou de forma amadora, confiando demasiadamente em seus agentes líderes de células, acreditando que o treinamento

¹⁰³ *Idem*. **A Guerra Secreta de Hitler no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

¹⁰⁴ *Idem*. **Suástica sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 93

¹⁰⁵ *Idem*. **A Guerra Secreta de Hitler no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 152.

¹⁰⁶ FARAGO. Ladislav. **A Guerra Secreta: A História da Espionagem na 2ª Guerra Mundial**. São Paulo: Edições 70, 2004.

militar que possuíam devido aos anos nas forças armadas germânicas os haviam preparado para algo de tal magnitude. Sua organização estava baseada em três níveis: O Agente da embaixada ou Consulado, o qual repassaria as informações de forma cifrada através de malas postais ou encomendas confidenciais; O Chefe de Célula, um cidadão alemão, com experiência militar mas não necessariamente na área de Inteligência, que possuía contatos importantes além de uma carreira consolidada no Brasil e que ordenaria a coleta de informações que seriam repassadas aos agentes da embaixada ou consulado; Os agentes de células, pessoas contratadas e pagas para trazerem informações relevantes ao chefe de célula que não necessitavam ser Alemães ou possuírem qualquer ligação ideológica com o Partido Nazista: dentre estes podemos citar trabalhadores portuarios, integralistas, jornalistas ligados a revistas de cunho militar, oficiais com informações importantes, etc.¹⁰⁷

A destruição da *Medelkopf Brasilien* e suas consequências em Pernambuco

As desventuras vividas pelos *V-mann* da *Abwehr* teriam consequências severas para todos os alemães residentes no Brasil, sejam eles apoiadores ou não do *Reich*. Quando da prisão de agentes de células ou líderes das mesmas, todos acabavam entregando seus comparsas e chefes. Tal acontecimento, permitiu que investigações que já estavam em andamento dentro da DOPS, com o auxílio posterior de Agências de Inteligência dos países Aliados, em especial a Inglaterra e os EUA, obtivessem sucesso.¹⁰⁸

A desarticulação das células possibilitou que uma maior repressão recaísse sobre todos os possíveis agentes germânicos no país, algo que não afetou apenas a *Abwehr*, como também sua agência rival e irmã a *SD*.

Devido a estes fatos, diversas ações foram tomadas pelo DOPS em todo o país, visando reprimir a espionagem alemã e também a atuação nazista. Analisaremos o caso de Pernambuco como uma amostra de como se deu o desbaratamento do Partido Nazista no estado, como consequência direta da desarticulação da *Medelkopf Brasilien* -

¹⁰⁷ HILTON. Stanley E. **A Guerra Secreta de Hitler no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

¹⁰⁸ *Idem*.

Demonstrando que o *modus operandi* da espionagem alemã (dividindo-se em duas agências diferentes), não era apenas confuso como obviamente ineficaz, visto que, se uma pequena célula ligada a *Abwehr* fosse descoberta, a ação seguinte lógica seria um ataque frontal as divisões do Nazismo no país. Ainda que teoricamente ambas não possuíssem vínculo direto.

De acordo com o Prontuário Funcional do DOPS nº. 31.771-B, com o decorrer da guerra, a Delegacia de Ordem Política e Social, através do Dr. Etelvino Lins de Albuquerque, preocupou-se em reunir os alemães suspeitos de atividades Nazistas empregados na Companhia de Tecidos Paulista, transmitindo as seguintes recomendações:

1. Devem residir todos em Paulista;
2. Não podem ausentar-se de Paulista sem licença prévia da secretaria de segurança pública, salvo as viagens para compras e tratamento médico;
3. Não é permitido freqüentar praia e suas adjacências;
4. Não podem fazer excursões a cavalo;
5. É proibido fazerem reuniões;
6. Não podem fazer manifestações ou atos semelhantes que possam irritar os ouvintes ou despertar animosidade.¹⁰⁹

Intensifica-se a censura contra os Nazistas em Pernambuco. A repressão foi extremamente eficiente por parte da polícia do DOPS-PE, onde podemos ver através de documentos que por muito tempo permaneceram secretos como a polícia agia, a exemplo desse relatório descritivo no prontuário Funcional nº 29.653.

INICIO DA REPRESSÃO NAZISTA EM PERNAMBUCO A repressão as atividades nazistas em Pernambuco tiveram início em 1938. Funcionava, então, na cidade industrial de Paulista, onde há um núcleo de 50 alemães, o partido da cruz suástica, que foi fechado e do qual dá-nos uma ideia a fotografia juntada ao documento, (doc. nº 1). A partir daquela época, passaram os alemães suspeitos de atividades políticas, a ser observados. No prontuário de Erwin Kalk, que era o chefe do partido hitlerista no Nordeste, fomos encontrar um relatório do serviço secreto da polícia, datado de 30 de maio de 1938 e em que merecem atenção os trechos seguintes: “Em Recife está organizada uma filial do Partido Nazista, com sede avulsa, recebendo orientação,

¹⁰⁹ Prontuário DOPS-PE – nº 31771-B. Disponível em: <https://www.acervo.pe.gov.br/index.php/>
Acesso em: 24/06/2021.

mensalmente da Alemanha, por intermédio do cônsul alemão neste Estado, tendo como chefe principal o alemão de nome Erwin Kalk.

A filial referida já organizou sub-filiais em Paulista e em Rio Tinto. Em João Pessoa, o contador Karl, do Banco do Povo, mantém ligação direta com um seu patricio ali comerciante, de nome Ernest Jenner, que, segundo informações, é membro especial do Serviço Secreto Alemão. Jenner, dos fins do ano de 1935 a esta data, já viajou oito vezes para a Alemanha, não se justificando as suas viagens verdadeiramente dispendiosas em contraste com os lucros comerciais, pois, por duas vezes, viajou no Zepelin, achando-se, presentemente, na Alemanha, donde voltará pelo vapor “Conte Grande”. Vários outros relatórios e partes de serviço existem em outros prontuários, todos fazendo certo que a polícia pernambucana não perdia de vista os estrangeiros suspeitos.¹¹⁰

No mesmo prontuário podemos perceber que havia também um material de espionagem que foi recolhido dos Nazistas, cuja função seria passar um “raio-X” das terras brasileiras a ponto de favorecer uma investida do *Reich* com maior facilidade.

REDE DE ESPIONAGEM DE VON SCHELEGEL

(ERWIN BACKHAUS)

Esteve preso no Recife de 18 de dezembro de 1941 a 1º de fevereiro de 1942. Posto em liberdade, por não terem sido positivadas as suas atividades em favor do Eixo, seguiu para o Rio em princípios de março. Por essa época, apurou a polícia pernambucana que Erwin Backhaus era, indiscutivelmente, um espião nazista, solicitando, incontinenti, a sua prisão ao Cap. Batista Teixeira, a quem fez enviar os documentos que o comprometiam.¹¹¹

Nas investigações chamou atenção da polícia, os métodos utilizados pelos Nazistas para camuflar as mensagens nas correspondências, não deixando marcas ou qualquer sinal que denunciasses atividades suspeitas trocadas entre eles e o *NSDAP*. O método empregado era a utilização de substâncias químicas que tornavam a mensagem invisível nos papéis que só era revelada ao ser aplicada outra substância escura como café e conhaque que revelaria o seu conteúdo. Essa tática secreta dos agentes de inteligência Nazistas foi batizada pelos policiais de “tinta invisível”, descoberta quando interrogavam o espião Nazista Hans Sievert que “exercia as funções de gerente e sócio da firma Herman.”¹¹². O líquido foi apreendido pela polícia em duas garrafas. A

¹¹⁰ FUNDO APEJE SSP/DOPS-PE Prontuário Funcional nº 29.653. Disponível em: <https://www.acervo.pe.gov.br/index.php/>. Acesso em: 24/06/2021.

¹¹¹ *Idem.*

¹¹² *Idem.*

primeira solução invisível era sulfato de zinco e a outra uma substância de tom marrom chamada de verniz barata.¹¹³

Figura 3 - Garrafa com as duas substâncias apreendidas com o Espião Hans Sievert.



Fonte: FUNDO APEJE SSP/DOPS-PE Prontuário Funcional nº 29.653¹¹⁴

Conclusão

A espionagem realizada pela *Abwehr* no Brasil, seguiu seu padrão de atuação nos demais países, comparada com outras agências como o *MI-6*, *NKVD* ou mesmo com a *Sicherheitsdienst*, ela agiu de forma não cautelosa, algo que se pode explicar pelo fato de toda força militar alemã haver sido basicamente destruída após a Grande Guerra, o que forçou uma reestruturação acelerada.¹¹⁵

Tais medidas também podem ser associadas diretamente ao mentor intelectual e principal líder da organização, o Almirante Canaris, o qual, como muitos posteriormente viriam a dizer, era um homem indeciso, e sem o necessário estômago para as duras realidades da Guerra Secreta. Inclusive, sua completa apatia no que tange impedir os planos diretos para assassinar Hitler, dos quais estava informado, muito provavelmente, segundo seus próprios biógrafos, se deu mais por uma completa inação e despreparo do que por um real heroísmo anti-nazista.¹¹⁶

Um oficial sem fibra, foi assim que o caracterizou seu subordinado direto¹¹⁷ revelando inclusive que o Almirante possuía uma pintura de seu pequeno *Dachshund* na parede de seu escritório¹¹⁸. Talvez Wilhelm Canaris não fosse o homem ideal para o serviço. Todavia, Canaris teve sim seus méritos com a estrutura que lhe restou, e com a que teve que construir, mesmo entrando em conflito direto com o Partido Nazista e seu

¹¹³ *Idem.*

¹¹⁴ *Idem.*

¹¹⁵ FREGAPANI, Gelio. *Op. Cit.*

¹¹⁶ BASSET, Richard. **Almirante Canaris: Misterioso Espião de Hitler.** Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 2007.

¹¹⁷ GEHLEN, Reinhard. **O Serviço Secreto.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ed Artenova, 1972.

¹¹⁸ BRISSAUD, André. **Almirante Canaris: O Príncipe da Espionagem Alemã.** Brasília: Ed Biblioteca do Exército, 1978.

alto escalão. É válido dar eco a afirmação de Ladislav Farago de que a “Abwehr era Canaris, e Canaris era a Abwehr”¹¹⁹, porém, talvez não seja isso um completo demérito, visto que ele é até os dias atuais enxergado com um misto de fascínio e respeito que nem mesmo o fato de estar do lado oposto da guerra pôde apagar.¹²⁰

Canaris ainda é estudado e analisado em escolas de formação militar em muitos países, ainda que seus erros sejam mais explorados, é válido compreender suas intenções e como elas o levaram ao seu fim.¹²¹

Vista em retrospecto, a operação da *Abwehr* no Brasil pode parecer amadora e caótica, todavia, é necessário que busquemos nos colocar no lugar dos diversos agentes que realizaram tais atividades, muitos dos quais, devido ao seu afastamento de longo prazo da Alemanha e desconhecimento real dos horrores perpetrados pelo Nazismo, enxergavam no soerguimento de sua pátria algo positivo e desejavam acima de tudo contribuir com este período¹²². Além disso, o trabalho dos agentes de Contraineligência, que atuaram incessantemente na caça e captura dos *V-mann* não pode de forma alguma ser menosprezado como inferior. É impossível definir quais cursos haveria tomado a guerra caso sua função fosse negligenciada.

Entretanto, paira ainda a questão sobre a atuação dos agentes da *Sicherheitsdienst* no Brasil: Se utilizaram dos mesmos métodos, se as redes de espionagem desenvolvidas pelo Partido Nazista no país realmente seguia o preceito de não se envolver com assuntos de guerra, visto que teoricamente, tais fatores estariam na alçada de sua agência rival e o motivo pelos quais grandes empresas – algumas existentes até os dias atuais – e personalidades influentes à época, mesmo possuindo fortes vínculos com o nazismo ou mesmo se declarando abertamente nazistas, mantiveram seus patrimônios e conquistaram inclusive algumas honrarias posteriores quando obviamente os *V-mann* sofreram consequências severas.

Estes questionamentos são possibilidades futuras para novas pesquisas que podem revelar de forma mais clara como se deu essa relação e como os vínculos de

¹¹⁹ FARAGO, Ladislav. **O Jogo das Raposas**: A História Inédita Da Espionagem Alemã Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha Durante a 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: CEDIBRA, 1973. p. 12

¹²⁰ BRISSAUD, André. *Op. Cit.*

¹²¹ BASSET, Richard. *Op. Cit.*

¹²² HILTON, Stanley E. **Suástica sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.

poder do Estado podem ter protegido e diminuído o grau de severidade com que foram vistos estes possíveis agentes infiltrados.

Não cabe aqui fazer julgamentos, este não é o papel do historiador. Cabe, na realidade, torcer para que este pequeno artigo auxilie futuramente na realização de novas pesquisas que possam cada vez mais trazer luz a estes momentos obscuros da história do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Referências Bibliográficas

ARENDR, Hannah. **As Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo**. São Paulo. Ed Companhia de Bolso, 2013.

BASSET, Richard. **Almirante Canaris: Misterioso Espião de Hitler**. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRISSAUD, André. **Almirante Canaris: O Príncipe da Espionagem Alemã**. Brasília: Ed Biblioteca do Exército, 1978.

CAPELATO, Maria Helena. D'ALESSIO Marcia Mansor. **Nazismo: Política, Cultura e Holocausto**. São Paulo: Atual, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Anti semitismo na Era Vargas: Fantasmas de uma geração**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

COSTA, Sergio Côrrea da. **Crônica de uma Guerra Secreta: Nazismo na América: A Conexão Argentina**. Rio de Janeiro: Ed Record, 2004.

DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

DEHILLOTTE, Pierre. **Gestapo**. Porto Alegre. Ed Globo, 1940.

DIETRICH, Ana Maria. **Caça as Suástica: O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política**. São Paulo: FAPESP, 2007.

FARAGO, Ladislav. **A Guerra Secreta: A História da Espionagem na 2ª Guerra Mundial**. São Paulo: Edições 70, 2004.

_____. **O Jogo das Raposas:**A História Inédita Da Espionagem Alemã Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha Durante a 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: CEDIBRA, 1973.

_____. **O mundo da espionagem:** A verdadeira história da guerra de sabotagem. Rio de Janeiro: DINAL, 1966.

FREGAPANI, Gelio. **Segredos da Espionagem:** A Influência dos Serviços Secretos nas Decisões Estratégicas. 3ª Ed. Brasília: Ed Trampolim, 2017.

GEHLEN, Reinhard. **O Serviço Secreto.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ed Artenova, 1972.

GÓES, Raul de. **Um Sueco Emigra para o Nordeste.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed José Olympio, 1964.

HILTON, Stanley E. **O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. **O Brasil e as Grandes Potências:** Os aspectos políticos da rivalidade comercial 1930-1939. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. **A Guerra Secreta de Hitler no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. **Suástica sobre o Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HIND, Allison. **História da Espionagem.** Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1966.

HÖHNE, Heinz. ZOLLING, Hermann. **Espionagem Nazista:** A Completa Verdade Sobre Reinhard Gehlen e as Redes de Espionagem que Organizou para Hitler, a CIA e a Alemanha Ocidental. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

LEWIS, Susan. **Pernambuco, anti-semitismo e espionagem alemã no Estado Novo.** Saeculum (UFPB) , João Pessoa, 2004.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e Nazismo:** A Trajetória Alemã Rumo ao Brasil. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1998.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: LAFONTE, 2020.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo.** São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

PINTO, Oreste. **Contra-espionagem.** São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1964.

_____. **O Caçador de Espiões**. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1964.

PY, Aurélio da Silva. **A 5ª Coluna no Brasil: A Conspiração Nazi no Rio Gr. do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1942.

RICARDO, Arleandra de Lima. **O Cotidiano Repressor dos Agentes da DOPS de Pernambuco (1931 – 1956)**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: A História do Afundamento de 34 Navios Brasileiros pelos Nazistas**. Rio de Janeiro: Ponto de Leitura, 2007.

SCHMITT, Bernadotte E. (org.) **O III Reich e o Brasil: Documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Ed Laudes, 1968.

SCHURSTER, Karl. **O fenômeno nazi e seu impacto na historiografia do tempo presente**. Rio de Janeiro: Autografia, 2016.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30**. 2ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. 2ª Ed. São Paulo: LAFONTE, 2019.

VOLKMAN, Ernest. **A História da Espionagem: O mundo clandestino da vigilância, espionagem e inteligência, desde os tempos antigos até o mundo pós-9/11**. São Paulo: Editora Escala, 2013.

WHITING, Charles. **Gehlen, um Gênio da Informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1986.

Acervo: Arquivo Público do Estado de Pernambuco Jordão Emerenciano / DOPS-PE.

Currículo:

Carlos Augusto da Rocha Silva é graduando em Licenciatura Plena em História pela UFRPE, onde iniciou o curso no ano de 2016. Morador da cidade de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana de Recife, atualmente, busca abranger suas pesquisas históricas relacionadas as áreas de Espionagem, Inteligência e Ciências Políticas dentro de sua localidade, expandindo o presente artigo em projetos maiores, como mestrado e doutorado.

Anexos 1 (Regras publicação na Revista de História Comparada da UFRJ)

* A **Revista de História Comparada** admite artigos e resenhas originais, elaborados por autores com **título de doutorado** nas diversas áreas das Ciências Humanas. A publicação de artigos e resenhas elaboradas por graduandos, graduados,

mestrandos, mestres e doutorandos é permitida **apenas quando o texto for elaborado em coautoria com doutores.**

* Ressaltamos também que recebemos artigos em fluxo contínuo para a publicação.

* Serão aceitos para publicação os artigos que apresentem contribuições inéditas às suas áreas e resultem de pesquisa acadêmica. Os artigos devem ser elaborados utilizando uma das modalidades de História Comparada. Consideramos como trabalhos de História Comparada aqueles que realizam, de forma sistemática, uma comparação entre dois ou mais objetos, conceitos teóricos, visões historiográficas e reflexões em distintos campos do conhecimento, em análises sincrônicas ou diacrônicas, verificando similitudes, diferenças, singularidades, influências comuns, trocas e transferências.

* Os artigos e resenhas deverão ser redigidos em português, inglês, espanhol ou francês.

* Os artigos poderão ter até 30 páginas e as resenhas, até 5. Deverão ser digitados em editor de texto Word for Windows (em formato rtf), em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço 1,5, em papel A4 e margens 3,0 cm.

* Os artigos deverão ser acompanhados de um resumo na língua de redação e de sua tradução para o português, inglês, espanhol ou francês, respeitando o limite máximo de 1000 caracteres (com os espaços). Cada resumo deverá ser seguido de 3 palavras-chaves.

* Os subtítulos das seções deverão ser colocados na margem esquerda do texto, sem numeração, e em negrito.

* O endereço de e-mail do autor deve vir em nota de rodapé, vinculada ao seu nome, na primeira página do artigo. Caso haja mais de um autor, o procedimento adotado deve ser o mesmo, ou seja, cada um dos autores deve fornecer e-mail e vinculá-lo ao seu nome.

* A instituição e afiliação do(s) autor(es) deve acompanhar o endereço de e-mail em nota de rodapé, vinculado ao seu nome, na primeira página do artigo.

* O autor deve incluir ao final do artigo um breve CV (máximo 20 linhas), indicando sua titulação e vinculações acadêmicas.

* O artigo deverá ser apresentado considerando a seguinte ordenação: a) título do trabalho em caixa alta, centralizado, em negrito, na primeira linha da folha inicial; b) abaixo, à direita, nome(s) do(s) autor(es); c) resumo do artigo seguido das palavras-chaves em português; d) centralizado e em caixa alta o título do trabalho traduzido para o inglês; e) resumo do artigo seguido das palavras-chaves em inglês, francês ou espanhol; g) o artigo propriamente dito; e h) referências bibliográficas seguindo a ABNT NBR 6023.

Obs.: O resumo e o resumo traduzido para língua estrangeira devem estar com espaçamento simples. “Palavras-chave” e “Keywords” devem ser separadas por ponto e vírgula.

*** As notas dos artigos deverão ser do tipo "nota de rodapé" e figurar da seguinte forma (ABNTNBR 6023):**

a) Para livro: SOBRENOME (caixa alta), Prenome do autor (caixa normal). **Título do livro** (negrito). Edição (se não for a 1a.). Cidade: Editora, Ano. p.

b) Para capítulo de livro do mesmo autor: SOBRENOME (caixa alta), Prenome do autor (caixa normal). Título do capítulo. *In* (itálico): _____. (3 traços sublinhados). Título do livro (negrito). Edição (se não for a 1a.). Cidade: Editora, Ano. p. inicial e final do capítulo.

c) Para capítulo de coletânea de vários autores: SOBRENOME (caixa alta), Prenome do autor (caixa normal). Título do capítulo. *In* (itálico): SOBRENOME (caixa alta), Prenome do organizador / editor (caixa normal). **Título do livro** (negrito). Edição (se não for a 1a.). Cidade: Editora, Ano. p. inicial e final do capítulo.

Obs. A função do responsável deve ser registrada de forma abreviada, com primeira letra minúscula e entre parêntesis: (org.) / (ed.) / (coord.) / (dir.)

d) Para artigo de periódico: SOBRENOME (caixa alta), Prenome do autor (caixa normal). Título do artigo. **Título do Periódico** (negrito), Cidade, v., n. (se tiver), p. inicial e final do artigo, ano.

e) Para citação de textos online: referência bibliográfica seguida de “Disponível em: URL. Acesso em: data.”

Obs. Os links devem ser padronizados de acordo com a formatação automática do Word (sublinhada e em cor azul).

* Em todos os casos, o subtítulo da obra sem negrito.

* Para artigos que utilizem imagens, os autores deverão enviar os originais das mesmas ou cópia digitalizada e gravada em arquivo com terminação *TIF, individual para cada imagem, e com resolução de 300 DPI.

* Caso sejam utilizadas fontes especiais (grego, sânscrito, hieróglifo, hebraico, etc.) no artigo, os autores deverão enviar uma cópia, gravada em formato digital, de tais fontes.

* As citações com até 3 linhas, no corpo do texto, entre aspas. Acima de 3 linhas, em outro parágrafo, com recuo de 4 cm para esquerda, em fonte Times New Roman tamanho 11, espaço 1,0, sem aspas.

* As citações diretas de documentos em nota de rodapé devem constar entre aspas.

*Sobre expressões que devem ser utilizadas apenas em notas:

a) Uso do *Idem*: deve ser usado em itálico, para mesmo autor e obra diferente.

b) Uso do *Ibidem*: deve ser usado em itálico, para mesmo autor e mesma obra em página diferente ou não.

c) **Uso do *Op. Cit.***: deve ser usado em itálico, para mesmo autor, mesma obra, página diferente ou não, e obra já citada no artigo, mas não imediatamente anterior.

*Os termos em outros idiomas, que não o original do artigo, devem constar sempre em itálico.

* O nome de outras obras no corpo de texto pode constar em itálico ou entre aspas, de acordo com a preferência do autor. Entretanto, deve ser aplicado uniformemente em todo artigo.

* A listagem de referências bibliográficas ao final do artigo deve estar de acordo com a ABNT NBR 6023: alinhamento à margem esquerda, espaçamento simples e separadas entre si por uma linha em branco de espaço simples.